

ARTIGO

PESQUISA-AÇÃO: UMA METODOLOGIA DO “CONHECER” E DO “AGIR” COLETIVO

Adelina Baldissera*

RESUMO: A pesquisa-ação surge como nova proposta metodológica, dentro de um contexto caracterizado por várias preocupações teóricas e práticas que incidem na busca de novas formas de intervenção e investigação, na década de 1960, privilegiando a participação em vista da transformação da realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa-ação, participação, ação coletiva, transformação, realidade, pesquisadores, equipe, grupos, unidade específica, investigação, intervenção.

INTRODUÇÃO

“A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação da realidade a ser investigada estão envolvidos de modo cooperativo e participativo.” (Thiollent, 1985:14).

Alguns defensores da pesquisa-ação restringem a concepção de seu uso a uma orientação de ação junto aos grupos sociais que pertencem às classes sociais populares. Neste caso, a pesquisa-ação é vista como forma de engajamento sócio-político a serviço da causa das classes

* Professora e Pesquisadora da Escola de Serviço Social da Universidade Católica de Pelotas, Assistente Social e Mestre em Serviço Social pela Universidade Federal de Pernambuco.

populares.

A pesquisa-ação é igualmente discutida em áreas de atuação técnico-organizativa com outros compromissos sociais e ideológicos e dá lugar em sua metodologia, a uma diversidade de propostas de pesquisa nos vários campos de atuação social.

Uma pesquisa pode ser qualificada de pesquisa-ação quando houver realmente uma ação por parte das pessoas implicadas no processo investigativo, visto partir de um projeto de ação social ou da solução de problemas coletivos e estar centrada no agir participativo e na ideologia de ação coletiva.

A pesquisa-ação exige uma estrutura de relação entre os pesquisadores e pessoas envolvidas no estudo da realidade do tipo participativo/coletivo. A participação dos pesquisadores é explicitada dentro do processo do “conhecer” com os “cuidados” necessários para que haja reciprocidade/complementariedade por parte das pessoas e grupos implicados, que têm algo a “dizer e a fazer”. Não se trata de um simples levantamento de dados.

Nesta perspectiva diz Thiollent, “é necessário definir com precisão, qual ação, quais agentes, seus objetivos e obstáculos, qual exigência de conhecimento a ser produzido em função dos problemas encontrados na ação ou entre os atores da situação”(1985:16)

Para alcançar o objetivo proposto na pesquisa-ação no sentido de estabelecer uma relação entre o conhecimento e ação, entre pesquisadores e pessoas implicadas na situação investigada e destes com a realidade, Michel Thiollent diz ser necessário: uma ampla e explícita interação entre os pesquisadores e envolvidos na pesquisa e que esta não se limita a uma forma de ação (risco de ativismo), mas pretende aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o conhecimento ou nível de consciência das pessoas e grupos que participarem do processo, bem como, contribuir para a discussão ou fazer avançar o debate acerca das questões abordadas.(1985)

A pesquisa-ação como método agrega várias técnicas de pesquisa social. Utiliza-se de técnicas de coleta e interpretação dos dados, de intervenção na solução de problemas e organização de ações, bem como de técnicas e dinâmicas de grupo para trabalhar com a dimensão coletiva e interativa na produção do conhecimento e programação da ação coletiva.

I - A PESQUISA-AÇÃO: IMPLICAÇÕES E ELEMENTOS CONCEITUAIS

A pesquisa-ação (investigação-ação) provém das ciências sociais e foi introduzida no Brasil no campo da educação e no planejamento rural por João Bosco Pinto, sociólogo brasileiro. É concebida como estratégia metodológica utilizada para incentivar a participação dos camponeses nos processos de planejamento e desenvolvimento regional e local. Também, baseia a sua proposta teoricamente no conceito de educação libertadora.

Do acordo com Bosco (1989), a proposta de pesquisa-ação contém as seguintes implicações para os setores populares:

- o acesso ao conhecimento técnico-científico, que possibilite a participação e o “desvelamento” da realidade e sua efetiva transformação pelo trabalho/ação;
- o incentivo à criatividade, a fim de gerar novas formas de participação;
- a organização da base em grupos, nos quais eles sejam o “sujeito/ agente de sua transformação/libertação”.

Ezequiel Ander Egg (1990), diz que para aprofundar a análise dos elementos constitutivos de pesquisa/ação/participativa, nada melhor do que começar por examinar os termos com que se compõe a denominação:

Pesquisa ou investigação: é um procedimento reflexivo, sistemático, controlado e crítico que tem por finalidade estudar algum aspecto da realidade com o objetivo de ação prática;

Ação: significa ou indica que a forma de realizar o estudo já é um modo de intervenção e que o propósito da pesquisa está orientado para a ação, sendo esta por sua vez fonte de conhecimento;

Participação: é uma atividade em cujo processo estão envolvidos os pesquisadores como os destinatários do projeto, que não são considerados objetos de pesquisa, mas sujeitos ativos que contribuem no conhecer e no transformar a realidade em que estão inseridos.

A pesquisa-ação por ser investigativa supõe um conjunto de procedimentos técnicos e operativos para o conhecimento da realidade ou um aspecto desta, com o objetivo de transformá-la pela ação coletiva.

A forma de pesquisar a realidade implica a participação da população como agente ativo no conhecimento de sua própria realidade e possibilita a mesma adquirir conhecimentos necessários para resolver problemas e satisfazer necessidades. A pesquisa por ser ação, a própria forma ou maneira de fazer a investigação da realidade gera processo de ação das pessoas envolvidas no projeto. O modo de fazer o estudo, o conhecimento da realidade já é ação; ação de organização, de mobilização, sensibilização e de conscientização.

A pesquisa-ação por ser participativa, supõe uma co-implicação no trabalho dos pesquisadores e das pessoas envolvidas no projeto onde se faz intercâmbio, socialização das experiências e conhecimentos teóricos e metodológicos da pesquisa.

A pesquisa neste sentido constitui-se em uma forma de democratização do saber, produzida pela transferência e partilha de conhecimentos e de tecnologias sociais, criando o “poder popular”, visto que os setores populares vão adquirindo domínio e compreensão dos processos e fenômenos sociais nos quais estão inseridos, e da significação dos problemas que enfrentam.

II - CARACTERÍSTICAS DA PESQUISA-AÇÃO

Segundo Ezequiel Ander Egg(1990), as características da investi-

gação/ação/participativa são:

- o objetivo do estudo é decidido a partir do interesse de um grupo de pessoas ou de um coletivo. A P.A.P. só se aplica às situações ou problemas da vida real;

- a finalidade da investigação é a transformação da realidade que afeta as pessoas envolvidas;

- existe uma estreita interação/cominação entre a investigação e a prática, entre o processo de investigação e da ação interativa. Ambas iluminadas pela teoria e realizadas com a participação dos envolvidos, seja como pesquisadores, técnicos, promotores ou seja como beneficiários de um programa;

- supõe a superação da relação de distanciamento entre o pesquisador, que tem um suporte teórico e metodológico e as pessoas envolvidas que contribuem com suas experiências, vivências e conhecimentos de sua própria realidade;

- exige formas de comunicação entre iguais com o propósito de realizar um trabalho de conjunto;

- é uma ferramenta intelectual a serviço da população (pesquisadores ou profissionais) é uma ferramenta dos trabalhadores, quando a utilizam para ter um conhecimento mais verdadeiro e completo possível da realidade que desejam transformar;

- é uma proposta metodológica na perspectiva de transferir conhecimentos e habilidades. A socialização do conhecer e do saber metodológico, é absolutamente necessário para que as pessoas participem ativamente. Para decidir e participar com eficácia é necessário estar capacitado. Neste sentido, aparece a importância da transferência de tecnologia de atuação, tendo em conta que o "saber" é condicionante do "poder fazer" de maneira eficaz e eficiente.

Uma pesquisa-ação para que seja participativa, supõe que as pessoas estejam em condições e capacitadas.

Para que a participação seja efetiva é necessário resolver algumas questões:

Primeira é de criar espaços de participação. É óbvio, não se pode

participar se não se tem onde participar . A pesquisa-ação como metodologia de pesquisa e de ação cria espaços onde as pessoas participam do projeto de atuação organicamente estabelecido.

Segundo é de proporcionar as pessoas , os instrumentos e a capacitação necessária para saber como participar. Não se trata do “direito à participar”, mas da capacidade para poder participar efetivamente.

III - METODOLOGIA DA PESQUISA-AÇÃO

A metodologia da pesquisa-ação segundo Bosco Pinto (1989), é entendida em sentido mais restrito, como sequência lógica e sistemática de passos intencionados, ou seja passos com objetivos que se operacionalizam através de instrumentos e técnicas.

Esta sequência lógica de passos divide-se em três momentos, os quais, por sua vez se desdobram em fases, estas operacionalizam-se em passos. Os passos são constituídos de um conjunto de atividades que permitem atingir os objetivos de cada fase.

A sequência metodológica para a execução dos processos de pesquisa-ação insere-se na concepção de educação libertadora, tendo como ponto de partida o diálogo incentivando a participação dos setores populares na busca do conhecimento da realidade para transformá-la.

Assim, a pesquisa-ação, segundo João Bosco Pinto (1989), inclui um momento de investigação, um de tematização e por último, o de programação/ação.

O momento investigativo divide-se em várias fases. Dentre elas, a seleção de uma área de trabalho, a recompilação de informações sobre esta, observação e levantamento das características de sua população; seleção e capacitação de “grupos estratégicos”; realização da pesquisa e devolução dos resultados.

O momento de tematização tem como objetivo uma reflexão crítica sobre os fatos pesquisados e sua elaboração teórica, que facilite a

devolução posterior desta informação à população, para transformá-la em um programa pedagógico.

O momento de programação/ação, busca a ação organizada, que requer uma auto-investigação da população, uma reflexão crítica sobre sua própria realidade e uma procura de ações que a transforma, corresponde a classificação dos problemas levantados em ordem de prioridade, o projeto ou planejamento de um programa de ações; execução e avaliação do mesmo. A população utiliza o novo conhecimento adquirido para elaborar sua prática, através da execução de um projeto coletivo.

3.1 - MOMENTOS DA PESQUISA-AÇÃO

INVESTIGATIVO

O objetivo do momento investigativo é de produzir um conhecimento, uma compreensão da problemática dos grupos com os quais se trabalha e da percepção coletiva que tais grupos têm de sua própria problemática.

Para atingir este objetivo, é preciso percorrer quatro fases que se operacionalizam em passos, tais como:

3.1.1.1 - PRIMEIRA FASE: ELABORAÇÃO DE UM REFERENCIAL TEÓRICO COMUM

Os pesquisadores antes de começar a pesquisa com a comunidade/grupos específicos, buscam organizar de maneira sistemática, com ajuda da teoria, o conhecimento inicial disponível na região ou local onde vão trabalhar e buscar informações anteriores mediante a construção de certos instrumentos para a coleta de dados.

O primeiro passo a ser dado é de delimitar a região, área, grupos e juntar toda a informação já disponível, como diagnósticos, mapas,

dados, fotografias e realizar entrevistas com pessoas que tenham informações relevantes sobre a área.

O segundo passo é o de sistematização da informação existente ou adquirida sobre o objeto de estudo, a região, a área e/ ou grupo, através de um guia ou roteiro de observação e sistematização que facilite colocar em ordem as informações recolhidas.

O terceiro passo consiste em redigir um referencial teórico e hipóteses interpretativas preliminares, onde se possa confrontar as informações recolhidas e sistematizadas com os conceitos e categorias que se estudou na etapa anterior e redigir a análise e interpretação para uma posterior confrontação com o conhecimento produzido.

Esta fase se conclui com a redação de um documento, que serve ao grupo de pesquisadores como exercício teórico e como registro do nível de compreensão e conhecimento do qual está partindo.

3.1.1.2-SEGUNDA FASE: SELEÇÃO DE UMA ÁREA E DE UNIDADES ESPECÍFICAS: COMUNIDADE, BAIRRO,GRUPOS....

Nesta fase se delimita uma ou várias áreas mais restritas para selecionar nelas os agrupamentos humanos com os quais se vai desenvolver a prática, como irradiação das ações educativas sobre outras áreas.

O primeiro passo a desenvolver nesta fase é a de elaboração de um instrumento ou roteiro para a coleta de dados.

O segundo passo consiste em reinterpretar e analisar criticamente os dados existentes sobre a área selecionada para pesquisa, como diagnósticos, dados, monografias, enquetes,etc.

O terceiro passo é manter contatos com as pessoas, grupos e órgãos, que tenham informações ou experiências diretas com a população a fim de fazer um resgate histórico da localidade. Neste passo é conveniente gravar as conversações para uma posterior análise e do uso do diário de campo, como instrumento que se utiliza para anotar informações, observações e reflexões pertinentes ao trabalho de equipe de

pesquisa.

O quarto passo compreende o reconhecimento sensorial da área, familiarizar-se com as atividades da população, produtivas ou não, “deixar-se penetrar por todos os sentidos” e partilhar seus caminhos diários.

“Investigar uma realidade social não se esgota com a aplicação de instrumentos de pesquisa, mas requer também a observação sistemática de tudo quanto se refere às atividades dos homens concretos em relação com a natureza e em mútua relação” (Pinto, 1988)

O quinto passo estabelece os critérios de delimitação do objeto e da área de pesquisa.

O sexto passo seleciona as “unidades específicas” ou seja os agrupamentos humanos com alguma organicidade em sua interação, pode ser uma comunidade local, um bairro, uma cooperativa e ou uma associação.

3.1.1.3 - TERCEIRA FASE: APROXIMAÇÃO DA “UNIDADE ESPECÍFICA”

Nesta fase, os pesquisadores tomam contato com a “unidade” selecionada e o objeto de estudo, através da execução de diversos passos seqüenciais:

No primeiro passo, os pesquisadores fazem o reconhecimento sensorial da “unidade específica”. Deixam-se impregnar por suas imagens, de seus movimentos, do seu ritmo biológico e social, fazem-se presentes nos dias úteis e nos feriados, nos momentos de trabalho e de lazer, nas celebrações rituais tanto festivas como de luto.

É importante utilizar todos os tipos de registro: diário de campo, fotografias, filmagem e a ficha de descoberta, que é usada para sistematizar a observação da realidade em seus diversos níveis histórico, gené-

tico, morfológico, social, relacional entre outros. A ficha de descoberta permite a socialização do conhecimento entre os integrantes do grupo de pesquisa.

O segundo passo se caracteriza por entrar em contato com os líderes/dirigentes e autoridades locais, que têm influência, poder e prestígio na localidade para apresentar a proposta de pesquisa com a finalidade de evitar futuros problemas ou incompatibilização com a equipe.

O terceiro passo da terceira fase, consiste na participação nas atividades e na vida sócio-cultural da população envolvida na pesquisa por parte dos pesquisadores, com a finalidade de conhecê-la em sua percepção, e linguagem no que diz respeito ao trabalho, a vida sócio-econômica e cultural bem como as interrelações e as comunicações que se dão durante o processo de trabalho e que não se repetem em outro ambiente. É preciso estar aí e envolver-se para conhecê-la.

É mister estabelecer com a população alvo uma relação horizontal e dialógica no plano da educação.

Participar nas atividades que as pessoas envolvidas no projeto de pesquisa desenvolvem, não é populista ou sentimental, mas um “ato pedagógico” necessário para apreender a realidade social em que vivem os implicados no processo de conhecimento/ação.

É o momento de apreender, registrar no diário de campo o que vai acontecendo, incluindo questões e interrogações que surgem da participação. Faz parte de todo um processo de inserção na realidade e deve durar todo o tempo que a equipe de pesquisadores permanecer na localidade.

O quarto passo trata de identificar e descobrir os grupos existentes e verificar até que ponto podem ser integrados à investigação que está sendo feita, usando para isto, a observação participante e a entrevista com as pessoas da localidade.

O quinto passo consiste em escolher para o trabalho de pesquisa, aqueles grupos que por sua posição poderão assumir um papel essencial nos processos de transformação social, capazes de irradiar para os outros

a ação educativa que apreenderam e realizaram com a equipe de pesquisadores.

3.1.1.4 - QUARTA FASE: INVESTIGAÇÃO PARTICIPANTE DA PROBLEMÁTICA E DA PERCEPÇÃO DA “UNIDADE ESPECÍFICA”

O objetivo desta fase é alcançar uma primeira aproximação com a realidade social, com a problemática dos grupos e ao mesmo tempo obter uma leitura que os grupos têm de sua realidade, para posteriormente definir a ação como processo educativo, a partir da consciência que os grupos têm dos processos objetivos, seja qual for o nível ou plano que ela se encontra, sejam quais forem os desvios e distorções que ela apresenta.

Os passos que auxiliarão alcançar esta dupla compreensão são:

O primeiro passo consiste em sistematizar a informação recolhida na fase anterior, com a participação das pessoas envolvidas na pesquisa e dá-se início a uma nova sistematização de informações através do uso dos conteúdos do diário de campo, do roteiro de observação e da ficha de descoberta.

O segundo passo compreende a elaboração de códigos de investigação, que são representações gráficas ou audiovisuais, de situações reais que facilite o diálogo nos grupos de pesquisa. São mensagens cifradas que partem da problemática e permitem desvelar a percepção do grupo, mediante mecanismos de projeção ideológica.

No terceiro passo realizam-se grupos ou círculos de pesquisa, que representam o ponto culminante do momento investigativo. São realizadas reuniões com os grupos em que se procura confrontar a informação recolhida e sistematizada pela equipe: Trata-se de uma verificação da informação.

O grupo ou círculo de pesquisa é também um instrumento de auto-investigação e de investigação participativa coletiva de uma realidade compartilhada pelas pessoas do grupo, com o objetivo de avançar no

conhecimento dos processos reais. É considerado também como um processo de aprofundamento e (re) descoberta da realidade e verdades locais.

No quarto passo se faz o registro detalhado do material produzido nos grupos ou círculos de pesquisa. Mesmo que o registro dos círculos se faça concomitantemente com a sua realização (gravação em fitas etc), coloca-se como passo para ressaltar sua importância. Com os fóruns ou círculos de pesquisa pode-se estudar o discurso dos participantes e através dele, a lógica do seu pensamento.

O quinto passo sistematiza o material produzido nos grupos ou círculos de pesquisa. Todo material recolhido na investigação: fitas gravadas, observação, fichas de descoberta, já de certa forma sistematizado, sofrerá uma classificação e seleção preparando-o para um tratamento teórico no momento da tematização.

3.1.2- TEMATIZAÇÃO

Este momento representa a ação reflexiva na produção do conhecimento da realidade em confronto com o referencial teórico já elaborado e desvelando, as contradições existentes na busca de sua superação através de um programa ou proposta pedagógica.

Esse movimento dialético realiza-se em três fases e em seus correspondentes passos:

3.1.2.1- PRIMEIRA FASE: TEORIZAÇÃO

O objetivo desta fase é de buscar uma compreensão mais totalizadora dos processos reais da população pesquisada. A teorização é voltada para a compreensão da dinâmica do social e para a descoberta das possibilidades de ação nessa dinâmica.

O primeiro passo é identificar os elementos que compõem os processos, como forças produtivas, estrutura das relações de poder, atuação do Estado e de seus aparelhos, a organização das classes sociais, entre outros. Toda a informação obtida sobre a história da população envolvida na pesquisa, suas lutas e reivindicações podem ajudar a descobrir os movimentos dos processos educativos, de trabalho, além do que revela o sistema de conexões existentes entre a unidade específica e o contexto regional, nacional e internacional.

No segundo passo identificam-se as relações existentes entre os componentes e se faz análise das suas contradições. Dá-se mais ênfase nesse passo às categorias teóricas. É preciso relacionar a “unidade específica” com a formação econômica social da região. Identificar os mecanismos em que se dá a produção e apropriação do valor, a constituição dos grupos e as contradições existentes entre eles.

O terceiro passo compreende o estudo do modo de produção dominante e a determinação por ele exercida sobre os demais.

O estudo se propõe compreender como o modo de produção se articula com os outros modos e como as relações dominantes permitem extrair o excedente de alguns grupos para concentrá-lo em outros. Detectar os mecanismos jurídicos, a estrutura política e verificar como se expressam no nível dos implicados na pesquisa.

O quarto passo consiste na elaboração de um documento sobre teorização. Este documento deve transformar-se em instrumento de trabalho a ser utilizado nas fases posteriores da metodologia.

Na dialética do pensamento-conhecimento-práxis, representa um momento essencial, aquele que permitirá fazer da ação uma prática (práxis), que funde e integra teoria e ação” (João Bosco Pinto, 1989).

3.1.2.2- SEGUNDA FASE: A PERCEPÇÃO DA REALIDADE SOCIAL E TEMAS GERADORES

Esta fase se centra sobre a percepção dos grupos, como vêm ou representam para si sua realidade. Detecta-se os níveis desta percepção da realidade social para compará-la com a teorização anterior.

A comparação permitirá determinar até que ponto a consciência dos grupos se afasta de uma realidade, vista de modo totalizante, o que permitirá descobrir o jogo da ideologia dominante. Isto ajudará a compreender a conduta dos indivíduos e dos grupos com que se está lidando. Assim ajudará a equipe a desenvolver sua capacidade crítica e a separar o que é aparente e imediato do que é objetivo e real.

Identifica-se também os “temas geradores”: conjunto de elementos importantes da percepção do grupo, dos quais se partirá para desencadear pedagogicamente o processo de conscientização.

O primeiro passo consiste em identificar os elementos presentes na percepção dos grupos como unidade familiar, instrumentos e objetos de trabalho e outros. Verificar como estes elementos são percebidos, se eles estão relacionados, e como são relacionados pelo grupo envolvido na pesquisa. Isto se faz através da análise de conteúdo sobre os dados recolhidos nas gravações ou registro dos círculos ou foruns de pesquisa.

No segundo passo se identifica os conjuntos de elementos, gestando temas de importância para a formação da consciência dos grupos participantes no processo de pesquisa.

É preciso estudar como os elementos simples, acima identificados, se integram, se associam para constituir um tema. O tema gerador sempre tem alguns elementos ou componentes de caráter sensível, vivencial, percebido pela consciência, ao redor do qual gravitam outros elementos, dando-lhe um sentido para as pessoas.

O terceiro passo compreende em detectar o grau de relacionamento entre os temas percebidos pelos integrantes dos grupos de pesquisa.

Muitos temas estão relacionados entre si, como por exemplo, trabalho, educação, saúde, lazer. Trata-se de descobrir que tipo de

conexões entre temas são percebidos pelos membros dos grupos com que se está trabalhando, de tal modo que se passa a elaborar a estrutura temática, isto é, o conjunto de temas relevantes para a percepção da realidade pelos grupos.

O quarto passo verifica o tipo de explicação dada aos fenômenos e fatos sociais. Constatar a que os grupos, a população da “unidade específica”, atribuem as causas dos fatos que interferem no dia-a-dia. Todo grupo tem sua maneira própria de justificar as contradições de sua realidade social.

O quinto passo compara o conteúdo das percepções com a teorização. Esta comparação deve ser feita de forma sistemática para poder captar até onde vão os limites do afastamento entre a consciência da população e sua realidade.

3.1.2.3 - TERCEIRA FASE: ELABORAÇÃO DE UM PROGRAMA PEDAGÓGICO

A partir do trabalho comparativo entre a produção teórica e a percepção grupal da realidade resultará algo novo: um programa educativo que seja a síntese e a superação de ambos. O programa terá o objetivo de elevar o nível de consciência coletiva do grupo. O programa é constituído por um conjunto de temas, os quais por sua vez são formulados como unidades pedagógicas ou sub-temas.

Para isso é necessário seguir alguns passos:

O primeiro passo se propõe a construção de unidades pedagógicas centradas sobre cada tema-gerador. O tema-gerador não é uma idéia ou conceito simples. Ainda que seu significado possa ter um símbolo verbal ou palavra. Por exemplo: trabalho, casa, escola, são temas que se referem a uma série de aspectos da realidade, que se encontram assim relacionados com a palavra-tema de uma ou outra maneira, seja como causa, condição, característica ou efeito.

No segundo passo se fará a elaboração dos códigos para os temas

geradores.

O código é uma construção na qual se combinam elementos da realidade do educando e de sua percepção, com um roteiro de perguntas ou questões pedagogicamente ordenadas, para facilitar o diálogo no grupo, animado por um coordenador.

O terceiro passo consiste na confecção de material didático.

Material didático significa a expressão sensorial dos temas e unidades pedagógicas, mediante formas gráficas, meios visuais, orais ou audiovisuais.

No quarto passo se fará treinamento dos coordenadores para realização dos círculos ou grupos de estudo. Os círculos ou grupos de estudo são reuniões de grupo com uma dinâmica especial que tem que ser aprendida. O treinamento visa sobretudo, desaprender os hábitos diretivos e impositivos da educação formal, e criar novos hábitos mentais, culturais e atitudes.

O coordenador de um círculo ou grupo de estudo é um problematizador, um inquietador, um desafiador de consciências, procura criar condições para que o grupo se encontre ao redor de uma problemática, descubra os interesses que realmente os unem e proponha caminhos de ação e transformação da realidade.

3.1.3- PROGRAMAÇÃO-AÇÃO

É o momento da ação. O objetivo desse momento é motivar os grupos e a população para ação, através de uma programação coerente e adequada com a realidade e de capacitação das pessoas que participarão do programa.

A pesquisa deve continuar paralelamente da ação, porque a realidade está em constante mutação.

O terceiro momento se desdobra nas fases seguintes:

3.1.3.1- PRIMEIRA FASE: REALIZAÇÃO DOS CÍRCULOS OU GRUPOS DE ESTUDO

O círculo ou grupo de estudo é um meio para trazer à consciência do grupo sua problemática real, revelando as reais possibilidades de ação dentro dessa problemática, num processo de aproximação entre consciência e realidade. Significa que o conhecimento do grupo ou comunidade torna-se mais verdadeiro, correspondendo a um desvelamento da realidade, a uma ruptura com a ideologia, aqui considerada como falsa consciência.

Os passos próprios desta fase são:

O primeiro passo compreende a organização ou seleção de grupos para os círculos de estudos.

O número de membros dos grupos de estudo não deve ultrapassar o de quinze participantes. Isto, porém, não é um número mágico. Em última instância, depende muito da motivação dos participantes, bem como, dos coordenadores de grupos.

No segundo passo se realiza o processo de codificação nos círculos ou grupos de estudo. Este passo significa um avanço no desenvolvimento da metodologia. Trata-se de fazer avançar a consciência crítica dos grupos, mediante o questionamento de sua visão social.

É importante partir sempre daquilo que o grupo é capaz de perceber, para daí, mediante um questionamento crítico fazer avançar a consciência coletiva do grupo.

“Se se entende educação como um transformar-se transformando a realidade e não apenas como uma transmissão de conhecimento, um ensino-aprendizagem de conteúdos pré-fabricados e estáticos, esta é uma atividade profunda e visceralmente educativa.” (Pinto, 1989)

No terceiro passo se prioriza os problemas que exigem uma ação para solucioná-los. Nos círculos ou grupos, mostra-se a relação existente entre os problemas, o que permitirá estabelecer uma ordem de prioridades

para a ação.

O quarto passo consiste em fazer a seleção de idéias-projeto a partir do estabelecimento de prioridades na solução de problemas. Seleccionam-se aquelas que têm, no primeiro momento, maior possibilidade de solução e elaboram-se projetos de intervenção.

3.1.3.2-SEGUNDA FASE-IRRADIAÇÃO DA AÇÃO EDUCATIVA

Esta fase tem por objetivo difundir em toda população da “Unidade específica” o conhecimento da problemática detectada na pesquisa, para que chegue a determinações de ações em conjunto para modificá-la.

No primeiro passo, faz-se a apresentação à população dos problemas e ações alternativas para a discussão. Isto se faz através da difusão massiva escrita, oral ou audiovisual dos problemas e idéias-projetos, como também através de assembléias com toda população.

O segundo passo consiste na seleção coletiva do(s) Projeto(s) de ação. É o momento da tomada de decisão coletiva: discutida a problemática e os meios de solução, a população deverá decidir que rumo tomar, o que fazer para encontrar a solução para o problema ou problemas sociais.

3.1.3.3 - TERCEIRA FASE : ELABORAÇÃO DO PROJETO COMUNITÁRIO

É uma fase de programação, entendida como processo educativo, durante o qual uma comunidade, formada por grupos, analisa os meios, a ação orientada por objetivos claros e conscientes, verifica os caminhos alternativos de que dispõe e, finalmente, escolhe as atividades educativas necessárias para que sua ação alcance seus objetivos.

Esta fase será executada através dos seguintes passos:

O primeiro passo define os recursos materiais e humanos para a

realização do projeto. A comunidade analisa a ação proposta, para definir o que há de fazer para que os objetivos do projeto possam ser alcançados.

No segundo passo, localizam-se os recursos disponíveis. Neste busca-se definir os recursos alternativos para o projeto, onde a equipe de técnicos auxilia os grupos, abrindo um leque de alternativas.

O terceiro passo consiste na formulação das tarefas e na designação dos responsáveis. A definição e distribuição de tarefas é necessária para que as ações, que pouco a pouco vão construindo o projeto, não fiquem indeterminadas, como responsabilidade de todos, mas sem ninguém que leve ao término.

O quarto passo compreende a preparação dos conteúdos dos eventos educativos de apoio ao projeto. Neste cabe preparar com detalhes os conteúdos, métodos de ensino, materiais didáticos, etc, dos eventos educativos que vão preparar e capacitar as pessoas que participam de alguma forma do projeto, para as tarefas que lhes competem.

No quinto passo, faz-se a capacitação do pessoal do projeto. Na execução da capacitação dar-se-à ênfase aos métodos ativos e autogestionários, tais como cursos-oficinas e as práticas de campo.

O sexto passo consiste na preparação imediata dos meios necessários para dar início às atividades do Projeto. Neste passo hão de realizar-se todas as gestões e ações que permitam iniciar o projeto no momento previsto.

“Presentificando e viabilizando o início de cada ação.” (João Bosco Pinto)

No sétimo passo, estabelece-se os mecanismos de controle comunitário sobre o projeto. Criar formas em que a comunidade deve dispor para acompanhar e alterar o projeto, visando atingir os resultados desejados.

Os mecanismos de controle devem ser criados diretamente pela comunidade ou por ela adaptados devendo funcionar não apenas no plano dos dirigentes, mas também da base.

3.1.3.4 - QUARTA-FASE - EXECUÇÃO E AVALIAÇÃO DOS PROJETOS DE AÇÃO

Esta fase da Metodologia de Pesquisa-Ação representa a ação em sentido estrito e seu objetivo é pôr em execução, levar a término e avaliar sistematicamente o(s) projeto(s) de ação e os programas pedagógicos de apoio. Esta fase será tanto mais fácil quanto mais rigor foi usado no desenvolvimento das fases anteriores.

O primeiro passo desta fase é de dar início as atividades do projeto e dos programas educativos necessários.

No segundo passo, faz-se uma avaliação permanente do processo de intervenção. A avaliação é um meio para que a própria população defina os ajustes no projeto a ela destinado de uma forma permanente no decorrer da execução.

O terceiro passo consiste na análise dos resultados finais do projeto por toda a comunidade participante. Este último passo não deve ser negligenciado, pois permitirá a comunidade dar-se conta dos resultados de sua ação, fortalecendo assim a confiança em sua própria força. Até mesmo os erros e acertos podem levar a comunidade a assegurar-se de sua capacidade, fortalecendo-se na sua ação.

Finalizando, pode-se dizer que a “Pesquisa-Ação ajuda tanto na descoberta, como na construção desse caminho novo, sempre que seja entendida como um projeto de prática social e nunca como um livro de receitas.” (João Bosco Pinto)

CONCLUSÃO

A pesquisa-ação, como método de conhecimento da realidade, tem utilizado várias matrizes teóricas. Sua principal característica a intervenção, se presta tanto à ação educativa, como conscientizadora com os envolvidos no processo de pesquisa. Como requer ação de transformação

da realidade social, exige da equipe de pesquisa, preparação, pois a pesquisa científica dos processos sociais, tanto objetivos como subjetivos, deve saber trabalhar o objeto de estudo de forma interdisciplinar, integrante de diferentes concepções teóricas e práticas direcionadas a tomada de consciência coletiva para uma ação, também coletiva, na busca dos interesses dos envolvidos na pesquisa, ou seja, pesquisadores, pesquisados e comunidade.

Na pesquisa-ação acontece simultaneamente o “conhecer” e o “agir”, uma relação dialética sobre a realidade social desencadeada pelo processo de pesquisa.

BIBLIOGRAFIA

EGG, Ezequiel Ander. Repensando la Investigación-Acción – Participativa. México: El Ateneo, 1990.

PINTO, João Bosco Guedes. Pesquisa-Ação: Detalhamento de sua sequência metodológica. Recife, 1989, Mimeo.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da Pesquisa-Ação. São Paulo: Cortez, 1985.

